

## CATEGORIAS EMERGENTES DE MASCULINIDADE E IMPLICAÇÕES DO CONCEITO DE POLO FEMININO NA ANÁLISE DE UMA MÍDIA

*Eixo Temático* ET 12 - Educação em Sexualidade Desenvolvimento  
Humano: Pesquisas, Teorias e Práticas

Gabriel Câmara Branco <sup>1</sup>  
George Miguel Thisoteine <sup>2</sup>  
Ana Cláudia Bortolozzi <sup>3</sup>  
Andre Luiz Gellis <sup>4</sup>

### RESUMO

Este estudo qualitativo-exploratório investigou as concepções de masculinidade por meio da análise de um vídeo da plataforma *youtube* sobre gênero chamado "Como sair do polo feminino e recuperar o respeito e atração de uma mulher". A narrativa do vídeo foi transcrita na íntegra para análise de conteúdo temática. As categorias emergentes foram: a) conceito de polo feminino; b) atitudes emocionais do polo feminino; c) apego dos homens com as mulheres que se relacionam; d) modelos de comportamento ativo (o que se deve e o que não se deve fazer). Foi possível perceber que tal material normaliza desigualdades de gênero, como também prioriza uma valorização de si em detrimento do gênero como um fenômeno relacional, social.

**Palavras-chave:** Masculinidade; Relacionamentos; Mídia.

### INTRODUÇÃO

As mídias televisivas, comunicativas e digitais possuem na sociedade contemporânea

<sup>1</sup> Graduando de psicologia, do curso de Psicologia integral pela UNESP - FC de Bauru - SP, [g.branco@unesp.br](mailto:g.branco@unesp.br);

<sup>2</sup> Mestrando do programa de pós-graduação em Educação Sexual pela UNESP - FCLAR de Araraquara - SP, [george.thisoteine@unesp.br](mailto:george.thisoteine@unesp.br);

<sup>3</sup> Livre-Docente e professora do Departamento de Psicologia da UNESP - FC de Bauru - SP, [claudia.bortolozzi@unesp.br](mailto:claudia.bortolozzi@unesp.br);

<sup>4</sup> Doutor e professor do Departamento de Psicologia da UNESP - FC de Bauru - SP [andre.gellis@unesp.br](mailto:andre.gellis@unesp.br);

um papel central no processo de individualização, pois produzem modelos de como ser e de como não ser, de como ter conquistas e como lidar com frustrações. Principalmente jovens e adultos são cobrados de uma postura coerente de identidade e isso depende tanto dos compromissos que tenham assumido durante a vida como dos modelos que têm acesso para basearem suas expectativas (PAPALIA; MARTORELL, 2021).

Nesse sentido os meios de comunicação eletrônicos têm feito crescer em todo o mundo grupos digitais, dentre eles se destacam os *Incels*, em que a particularidade reside em serem homens e “em sua maioria jovens, que se sentem rejeitados pelas mulheres e têm dificuldades para estabelecer relacionamentos sexuais ou amorosos” (PRIOSTE, 2021, p.111).

Esses grupos surgem em um contexto digital internacional, em que homens se organizam em torno da construção de reconhecimento coletivo em prol de um padrão de masculinidade-heterossexual e repudiam todo traço característico da feminilidade. A consequência imediata é a construção de uma cultura e de grupos misóginos que abrange fronteiras, pois o espaço digital também se constitui como um ambiente de reprodução cultural e de desigualdades de gênero (LIN, 2017).

Thisoteine *et al.* (2021) marcam isso como um traço comum de muitos grupos digitais masculinos da atualidade e indicam quanto estão em contraposição a construção de uma cultura baseada na igualdade de gênero.

Diante do exposto, este estudo investigou a constituição da masculinidade por meio da análise de um vídeo da plataforma *youtube* sobre gênero que pertence a uma comunidade masculina digital brasileira.

## **MÉTODO**

Este estudo corresponde a uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva-exploratória (BORTOLOZZI, 2020a). Possui um método correlacional, isto é, a coleta de informações que busca a ligação entre variáveis, no qual a análise dos fenômenos será realizada *ex post facto* (CARRARA, 2014).

O material analisado foi um vídeo do canal Social Arts (2022) de autoria de Bruno Giglio e que se encontra na plataforma *youtube*, o vídeo se propõe a ensinar homens a ganhar ou manter o respeito das mulheres, indicando alguns comportamentos que esses homens precisam ter.

A coleta se deu pela observação do referido vídeo, transcrição do material e posterior análise. A análise de dados consistiu na organização do material transcrito por categorias temáticas, tal como propõe Bardin (2016), nos seguintes passos: (a) leitura e pré-análise; (b)

agrupamento e exploração do material, elaborando categorias temáticas emergentes e mutuamente exclusivas. Ou seja, todo o relato verbal transcrito foi analisado procurando estabelecer similaridades entre os temas, de modo a organizar pelos sentidos os agrupamentos que possam ser chamados de “categorias”, nomeadas em função dos resultados obtidos e que respondam aos objetivos.

A análise foi feita partindo da premissa de que o vídeo do canal *Social Arts* (2022) faz parte de um grupo digital-masculino-heteronormativo que pertence a um movimento mais amplo, como identificado por Prioste (2021) e Lin (2017). Desse modo, e partindo do pressuposto que a existência desse grupo se expressa pela afirmação de uma identidade sexual específica, em que o fenômeno analisado também pode ser compreendido através de uma perspectiva histórica arqueológica (FOUCAULT, 2008) como uma expressão de gênero (THISOTEINE *et al.*, 2021) de um modo de masculinidade hegemônica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do método de análise de conteúdo e utilizando da transcrição do vídeo escolhido, foram agrupadas as seguintes categorias:

**Categoria (a) conceito de polo feminino:** esta categoria trata dos diferentes aspectos que englobam o que o autor do vídeo chama de estar no polo feminino e que a partir deles, delinea-se o que é o polo feminino.

O polo feminino é apresentado como um modo de comportamento no qual o homem não teria o respeito da mulher, no qual ele busca agradar a companheira a todo custo, de uma maneira que ele demonstraria um investimento maior nela do que em si próprio. É apresentado que, quando nesse estado, ele deixaria de ser um “macho alfa”, se deixaria ser tratado como um “verme”. Esse polo feminino implica, também, uma posição da mulher na relação com esse homem, uma posição na qual ela testaria o homem atrás de uma firmeza de posição, e, caso não tenha isso, ela sentirá nojo dele e o deixará.

É colocado nessa mulher uma expectativa de alguém que precisa utilizar-se do homem como apoio financeiro, quando ele coloca que “*ela (a mulher) vai poder confiar, um homem que nos momentos de dificuldade vai estar ali ao lado dela vai ser um porto seguro entendeu ou se você quiser, ou trocando em miúdos, o macho alfa*”, mas que, ao mesmo tempo, testa se o homem se colocará à disposição da mulher, algo que deve ser evitado por esse “*macho alfa*” caso queira manter um respeito e a relação.

A fala presente no vídeo relega ao feminino uma posição de inferioridade, na qual teriam comportamentos que necessariamente estão ligados à posição de ser mulher e para o homem que possa vir a apresentar esses comportamentos existe a perda do respeito dos pares e esse é tratado como “*verme*”. Essa visão apresenta uma problemática que perpetua uma discriminação de gênero ligada ao papel que se dá ao feminino pelo patriarcado, portanto, perpetua um modelo de masculinidade que reproduz violências de gênero (SAFFIOTI, 2004).

O que se apresenta, então, é uma naturalização de comportamentos que são socialmente construídos e que deveriam, de maneira biológica, serem associados a um determinado gênero, impondo padrões e papéis específicos que influenciam na forma como a sociedade vê essas pessoas e no processo de construção consigo e com o outro (BORTOLOZZI *et al.*, 2020b).

**Categoria (b) atitudes emocionais do polo feminino:** Esta categoria trata de diferentes demonstrações emocionais que os homens que supostamente estariam no polo feminino apresentariam.

Esse modo de comportamento que surge quando o homem se encontra nesse polo feminino corrobora atitudes emocionais que não seriam compatíveis com como se deveria ser homem, segundo o autor do vídeo, com o que se entende como homem. Esses homens seriam emocionais demais, por exemplo, um homem que perde a compostura e fica irritado com a mulher quando ela quer atenção, que não consegue enxergar sua vida sem a companheira e que se acomoda quando entra em um relacionamento, não construindo seu projeto pessoal.

Aqui outra problemática se apresenta, a demonstração de afeto e de emoções se torna um ato incompatível com essa proposta de masculinidade. Isso corrobora o que aponta Prioste (2021) acerca do caráter misógino presente nesses grupos digitais. Os homens que gostariam de se tornar “*alfas*”, de manter um respeito por parte da mulher com quem se relacionam e de demarcar suas posições como dominantes, não podem apresentar sinais de afeto.

O afeto se coloca como rebaixador da validade dessas pessoas, o homem tem que permanecer frio e sustentar sua posição de maneira que não demonstre precisar do outro e do afeto que esse outro pode trazer. Uma maneira de se relacionar com suas emoções que impede uma formação de vínculos de modo efetivo e que acaba por pautar um modelo de masculinidade no qual o homem aprisiona seus sentimentos em troca de uma máscara para a sociedade (THISOTEINE *et al.*, 2021).

**Categoria (c) apego dos homens com as mulheres que se relacionam:** esta categoria aborda um tipo específico de relação que os homens que estão no polo feminino estabelecem com mulheres. Nesse caso, os homens deixam de priorizarem a si mesmos e colocam o afeto com as parceiras, que se apresenta como segurança pessoal (apego), em prioridade nas suas vidas.

Os homens que têm apego pelas mulheres com que se relacionam buscam priorizar e agradar os objetivos pessoais delas, com medo de que ao não fazer isso perderão o sentido de suas vidas. Assim, eles se tornam apegados e não se veem sem as parceiras, independentemente do grau da relação (“ficante”, “namorada”, “esposa”, etc.), o que os levam a abandonar com o tempo todos os outros objetivos pessoais e profissionais, o que gera dependência emocional dos homens com as mulheres e gera dificuldades para se afastarem do relacionamento

Pensar nas relações de apego é uma maneira de entender como as pessoas desenvolvem o que expressam em suas necessidades emocionais (PAPALIA; MARTORELL, 2021). Apesar de não ser congruente com a teoria do apego, o vídeo desenvolve uma problematização sobre as relações de apego, como segurança pessoal, nas relações entre parceiros. Porém, ele deposita sobre as mulheres o peso de produzir essa dependência e aos homens a fraqueza de se deixar levar por uma tendência feminina de testar a autoconfiança de seus parceiros. Essa visão das mulheres, retoma o estereótipo negativo de gênero atribuído às mulheres como se tivessem tendências manipuladoras, interesseiras e até incapazes de se solidarizar por homens (LIN, 2017; SAFFIOTI, 2021; THISOTEINE *et al.*, 2021).

**Categoria (d) modelos de comportamento afetivo (d1. o que se deve fazer d2. o que não se deve fazer):** esta categoria trata das orientações que um homem deve seguir para que não se encontre no polo feminino, com indicativos de comportamentos que devem seguir e comportamentos que não devem estar presentes em seus repertórios. Esses modelos seriam indicações do que se deve fazer para sair desse polo feminino e, também, indicações do que não se deve fazer porque isso pode acarretar a entrada ou a permanência nesse polo.

Algumas indicações que surgem são: “*mostrar a própria força*”; “*dar menos atenção*”; “*bater de frente*” com a mulher quando ela quiser mudar algo. Quanto ao que não fazer, é enfatizado: “*não abrir mão de lazer ou trabalho pelo relacionamento*”; “*não ficar ‘impregnado’ na mulher*”; “*não priorizar a mulher e o relacionamento*”. Nessa categoria são identificados modelos práticos, que dão modelos de subjetividade e ação para que os homens

não entrem no polo feminino e não desenvolvam atitudes emocionais ou apego pelas mulheres.

Desse modo, o vídeo corrobora os estereótipos de gênero. Cria uma dicotomia por essencializar o como ser homem e indiretamente de como é o ser mulher, por prescrever comportamentos que os homens devem rejeitar e seguir para se relacionarem com as mulheres. No entanto, não são apenas prescrições que estão sendo feitas, mas modelos de como se tornar homem e como compreender o que é a mulher, sem problematizar os estereótipos oriundos de um sistema social e patriarcal que produz desigualdade e violência de gênero (BORTOLOZZI, *et al.*, 2020b; SAFFIOTI, 2004).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As categorias levantadas retratam um modelo de expressão de masculinidade-heteronormativa de homens que pertencem a um mesmo grupo digital. As principais marcas que unem esse grupo passam por rejeitar as formas de relação entre homens e mulheres nas quais estes cedem espaço afetivo-subjetivo-social às mulheres. Por isso, o vídeo conclui que os homens deveriam se distanciar de todo e qualquer padrão feminino, comportamento-pensamento emocionalmente impulsivo e na busca por segurança e realização a partir das mulheres. Apesar da retórica que consegue cativar, o vídeo expressa um modelo misógino de masculinidade-heteronormativa. As consequências podem ser várias, mas se pode destacar que esse modelo enseja a reprodução de relações de gênero que perpetuam a violência e a desigualdade social entre homens e mulheres, como também a valorização de um padrão de subjetividade autocentrada que não valoriza uma compreensão crítica e reflexiva do outro.

### REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.

BORTOLOZZI, A. C. *Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo - Manual Didático*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020a.

BORTOLOZZI, A. C.; PASTANA, M.; de CARVALHO, L. R. S. Educação sexual na vida e nas escolas. In: BORTOLOZZI, A. C. *Educação sexual com e para adolescentes*. Padua Aragon: Araraquara, p.11-30, 2020b.

CARRARA, K. *Iniciação científica: um roteiro comentado para estudantes*, e. 1, São Paulo: Avercamp, 2014.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LIN, J. L. Antifeminism Online: MGTOW (Men Going Their Own Way). In: *Digital Environments. Ethnographic Perspectives across Global Online and Offline Spaces*. Bielefeld: transcript Verlag, p. 77-96, 2017. Disponível em: <https://www.genderopen.de/handle/25595/509>. Acesso em: 25 jun. 2022.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, Ed. 14, 2021.

PRIOSTE, C. Os incels e a misoginia nas redes sociais: reflexões para uma educação antimisogina e antissexista. In: BORTOLOZZI, A. C.; RIBEIRO, P. R. M. (Orgs). *Enfrentando a barbárie: temas emergentes sobre sexualidade, gênero e educação em cenários antidemocráticos*. Gradus Editora: Bauru, São Paulo. 2022.

SOCIAL ARTS. *Como Sair Do Polo Feminino E Recuperar O Respeito E Atração De Uma Mulher*. Youtube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=67nuB9dJxZY>. Acesso em: 03 jun. 2022.

SAFFIOTI, H. *Gênero, Violência e Patriarcado*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

THISOTEINE, G. M.; ROSSETTI CANASIRO, V. H.; TANAKA, B. S.; BORTOLOZZI, A. C.; GELLIS, A. L. Homens, violência e consumismo: análise da masculinidade nos grupos virtuais mgtow e do filme “clube da luta”. *Diversidade E Educação*, 9(1), 540–562, 2021.